

ATIVIDADES FÍSICAS NO LAZER: UMA ANÁLISE PRELIMINAR SOBRE OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

Giselle Helena Tavares¹
Inaian Pignatti Teixeira²
Alex Florindo³
Ricardo Ricci Uvinha⁴

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar quais marcadores sociais da diferença se apresentam como condição vulnerabilizadora à prática de Atividades Físicas no lazer (AFL) para as meninas e mulheres residentes em São Paulo-SP. Trata-se de um estudo quantitativo, de caráter exploratório e transversal, tendo como base os dados do Inquérito de Saúde de São Paulo. Para avaliação da prática de atividades físicas no âmbito do lazer foi utilizada a Seção 4 do International Physical Activity Questionnaire (IPAQ). A maioria das mulheres não atinge as recomendações para a prática de AFL, em especial mulheres com menores renda, baixa escolaridade, maiores idades e com presença de filhos.

Palavras-chave: Iniquidade de Gênero; Atividades de Lazer; Saúde.

PHYSICAL ACTIVITIES IN LEISURE: A PRELIMINARY ANALYSIS ON THE SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE

Abstract: The aim of this study was to analyze which social markers of difference present themselves as a vulnerable condition to the practice of leisure-time Physical Activities (LPA) for girls and women living in São Paulo-SP. This is a quantitative, exploratory and cross-sectional study, based on data from the São Paulo Health Survey. Section 4 of the International Physical Activity Questionnaire (IPAQ) was used to evaluate the practice of physical activities during leisure time. Most women do not meet the recommendations for the practice of leisure-time physical activity, especially women with lower income, low education, older age and with children.

Keywords: Gender Inequality; Leisure Activities; Health.

ATIVIDADES FÍSICAS EN EL OCIO: UN ANÁLISIS PRELIMINAR SOBRE LOS MARCADORES SOCIALES DE LA DIFERENCIA

Resumen: El objetivo de este estudio es analizar cuales marcadores sociales de la diferencia se presentan como condición de vulnerabilidad a la práctica de las Actividades Físicas en ocio para las mujeres y adolescentes residentes en São Paulo-SP. Se trata de un estudio cuantitativo, exploratorio y transversal, basado en datos de la Encuesta de Salud de São Paulo. Se utilizó la sección 4 del Cuestionario Internacional de Actividad Física para evaluar la práctica de actividades físicas durante el tiempo libre. La mayoría de las mujeres no cumplen con las recomendaciones para la práctica de actividad física en ocio, especialmente las mujeres con menores ingresos, baja educación, mayor edad y con hijos.

¹ Doutora em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista - Campus Rio Claro, Professora da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, da Universidade Federal de Uberlândia, giselleht@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7369-4398>.

² Doutor em Atividade Física e Saúde pela Universidade Estadual Paulista, professor na Universidade do Estado de Minas Gerais, inaianteixeira@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9723-4297>.

³ Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, professor na Universidade de São Paulo, aflorind@usp.br, <https://orcid.org/0000-0002-4429-0826>.

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professor na Universidade de São Paulo, uvinha@usp.br, <https://orcid.org/0000-0003-2936-9453>.

Palabras clave: Inequidad de Género; Actividades Recreativas; Salud.

INTRODUÇÃO

Todos os corpos são marcados por gênero, sexo, raça, religião, lugar de moradia, idade, no entanto, quando analisamos apenas em termos de diferença sexual entre “homens” e “mulheres”, não conseguimos pensar as diferentes formas de opressão e de (não) inteligibilidade. Devido a isso, nesse trabalho, discutiremos sobre mulheres, considerando outros marcadores sociais da diferença, propondo uma abordagem interseccional sobre o acesso à prática de atividade física e esportiva no lazer.

Uma abordagem interseccional, segundo Patrícia Hill Collins, não irá considerar gênero, raça, classe como meras variáveis sociodemográficas sem que haja uma contextualização, bem como, devemos ter cautela para não tornar essa abordagem como um projeto de diversidade corporativa. Em realidade, é necessário considerar que essas variáveis expressam desigualdades, e ao optarmos por utilizar uma abordagem interseccional, está posto como objetivo alterar as estruturas sociais com a finalidade de erradicar os “ismos” – racismo, machismo, classismo (COLLINS, 2019).

Ao se tratar de marcadores sociais da diferença, dirigimos nosso olhar as situações concretas e fazemos a seguinte pergunta: quais diferenças fazem a diferença no nosso campo? No que diz respeito ao acesso ao lazer e esporte, embora estes sejam compreendidos na realidade brasileira como um direito previsto na Constituição - cabendo ao Estado a garantia de acesso à todas e todos - recentes diagnósticos sobre o envolvimento em atividades físicas e esportivas no âmbito do lazer (IBGE, 2015; STOPPA, ISAYAMA, 2017) alertam para o fato de que no Brasil o acesso a estas experiências está intimamente associado às desigualdades sociais, especialmente à renda salarial, cor e raça e à escolaridade.

Bramante em 1998 alertava para o fato de o lazer ser vivenciado em um tempo “conquistado”, associado diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais e determinado por fatores sociais e políticos institucionalizados. Assim, como apontam diversas pesquisadoras dos estudos de gênero, o sexismo e o racismo por exemplo, se fazem presentes em todos os setores da sociedade (DAVIS, 2016; GONZALEZ, 2020; KILOMBA, 2020), sendo o contexto do lazer influenciado e, por sua vez, influenciador destas questões.

Assim, é imperioso que estas discussões sejam realizadas no campo das atividades físicas realizadas no contexto do lazer, justamente para ampliar as reflexões sobre as questões de gênero presentes na área da Educação Física, partindo do entendimento de que o gênero é

construído por discursos e práticas, gerando identidades em constante construção, ao contrário de masculinidades e feminilidades estabelecidas e uniformes (BUTLER, 2019). Portanto, a análise das relações entre o acesso e prática em atividades físicas devem partir de questionamentos acerca da naturalização da subordinação das mulheres no contexto do esporte e do lazer, podendo assim, ampliar as possibilidades de inserção, seja no âmbito da prática, da legislação e da gestão.

Considerando as atividades físicas e esportivas como uma importante forma de experienciar o lazer, Carvalho (2016) reforça que: A atividade física, sendo um elemento que compõe a percepção do corpo, é produto da distribuição diferenciada entre classes sociais e, somado a isso, essa atividade física desenvolvida no tempo disponível - ou no tempo conquistado, reproduz as diferenças sociais. Neste estudo compreende-se a atividade física como comportamento inerentemente social, cognitivo e político e envolve pessoas se movendo, em contextos específicos, carregados de significados, como proposto por Piggin (2020). Assim, ao analisar as AF no contexto do lazer reconhece-se a articulação e interdependência de questões que vão além da dimensão biológica do movimento, articulando-se ao conceito de práticas corporais.

Por esse caminho, o objetivo desse estudo foi analisar o envolvimento de meninas e mulheres residentes na cidade de São Paulo/SP em atividades físicas no lazer (AFL), bem como, compreender quais marcadores sociais da diferença se apresentam como condição vulnerabilizadora à prática de atividades físicas no lazer.

A realização deste trabalho se justifica ao entender que as desigualdades permeiam, atravessam e atingem as minorias, sobretudo no Brasil (MANTA *et al.* 2020) e na cidade de São Paulo, e, constatando a necessidade de se pensar em múltiplas marginalizações, as quais são mutuamente constituídas e não podem ser compreendidas por abordagens que tratem de raça e cor, sexo e gênero, classe social como categorias isoladas (CRENSHAW, 1989).

Esse estudo é um recorte de um trabalho de pós-doutorado⁵ premiado no 4 Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (2020), em que se busca articular as temáticas do lazer, da saúde e da gestão, alertando para a necessidade de diálogo entre estes setores para a garantia do Lazer como um direito. Apesar da existência de importantes estudos populacionais que apontam para as dificuldades de acesso das mulheres as AFL, ainda existem lacunas sobre as discussões que envolvem abordagens interseccionais, motivando a realização deste estudo.

⁵ Pós-doutorado realizado na Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), intitulado: Atividades físicas e esportivas no lazer associadas ao estudo de gênero: uma análise diagnóstica sobre os marcadores sociais, econômicos e políticos, realizado em parceria com o GIEL – Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, linha de Pesquisa “Atividade Física na Promoção da Saúde”.

METODOLOGIA

Neste estudo, de natureza quantitativa, utilizamos os dados do Inquérito de Saúde de São Paulo (ISA). A amostra foi composta por meninas e mulheres que participaram da linha de base do ISA, realizado no município de São Paulo nos anos de 2014 e 2015. Importante destacar que “meninas” se refere ao fato que elegemos todas as pessoas com 12 anos ou mais. O ISA é um inquérito multicêntrico de saúde e as informações gerais sobre esta pesquisa estão disponibilizados no site da Prefeitura Municipal de São Paulo⁶. Em 2014/2015 a amostragem do ISA foi feita por conglomerados e estratificada em dois estágios tendo como base geográfica as cinco áreas de saúde da cidade de São Paulo vigentes até 2014 (norte, centro-oeste, sudeste, sul, leste). Os domicílios foram sorteados dentro dos setores censitários e posteriormente as entrevistas foram realizadas presencialmente⁷.

Para avaliação da prática de atividades físicas no âmbito do lazer foi utilizado a Seção 4 do *International Physical Activity Questionnaire (IPAQ)*. Após analisar a seção 4 do IPAQ, as respostas foram categorizadas em uma dimensão dicotômica: se realiza mais de 150 minutos de atividade física no lazer, ou se não realiza. Bem como, também foram utilizados os dados numéricos dos minutos totais por semana de atividades físicas. Essa categorização foi embasada nas recomendações de atividades físicas da Organização Mundial de Saúde. A análise de dados foi realizada por meio de estatística descritiva.

O teste Qui-quadrado foi adotado visando verificar possíveis associações entre as variáveis categóricas do estudo (atividade física realizada no lazer, raça/cor, escolaridade, situação conjugal, presença de filhos). Além disso, por termos variáveis numéricas que não apresentaram distribuição normal (idade, presença de filhos e renda salarial) foi utilizado o teste de correlação de postos de Spearman. Foi calculado o coeficiente de correlação de postos de Spearman (ρ) entre variáveis categóricas e variável numérica (minutos de AFL) (atividade física realizada no lazer e raça, escolaridade, situação conjugal e presença de filhos). O nível de significância adotado foi de alfa $<0,05$.

LIMITAÇÕES DA PESQUISA

⁶Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/epidemiologia_e_informacao/isacapitalsp/
⁷ Projeto temático financiado pela FAPESP, intitulado: “Ambiente Construído, Atividade Física e Estado Nutricional em Adultos: Um Estudo Longitudinal”. A equipe deste projeto é composta por pesquisadores da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, em parceria com grupos nacionais e internacionais.

Para uma análise mais aprofundada, dados para além dos quantitativos precisam ser considerados. É necessária uma interpretação cultural e dependente do contexto da realidade social. Além disso, o contexto inclui a identidade social de quem pesquisa, a localização espacial e temporal da pesquisa (além dos debates da literatura acadêmica). É premente que esses dados sejam considerados preliminares. Somado a isso, ao considerar que as formas de opressão não são constituídas por apenas “camadas” que se sobrepõem, e sim por entrelaçamentos diversos, faz-se necessária uma análise em que os diversos marcadores sociais da diferença se entrecruzem.

Para uma análise mais aprofundada e fidedigna sugerimos que sejam realizadas no complex sample do programa SPSS utilizando as ponderações.

RESULTADOS

Para responder à questão sobre quais marcadores sociais da diferença (MSD) estão associados ao envolvimento (ou ao não-envolvimento) com as atividades físicas no lazer, é importante mencionar que os MSD escolhidos que podem “fazer a diferença” nesse campo foram: renda per capita; escolaridade; raça; presença de filhos e situação conjugal (análises preliminares).

Na tentativa de aproximação entre os campos do lazer e da saúde, optamos por analisar o envolvimento das participantes do estudo em atividades físicas realizadas no contexto do lazer, voluntariamente e intencionalmente, especialmente pelo fato de que estudos comprovam que grande parte das atividades físicas realizadas por mulheres no atendimento as recomendações diárias de atividade física ainda estão no domínio doméstico. Assim, buscamos compreender se meninas e mulheres de fato, possuem oportunidades para realização de atividades físicas em seu tempo disponível para o lazer, ou mesmo, se elas conseguem disponibilizar um tempo para estas vivências.

Neste sentido, na introdução do documento Diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) para Atividade Física e Comportamento Sedentário (2020) é evidenciado que:

Existem também desigualdades notáveis: os dados mostram que, na maioria dos países, meninas e mulheres são menos ativas do que meninos e homens, e que há diferenças significativas nos níveis de atividade física entre grupos econômicos de alta e baixa renda, e entre países e regiões (OMS, 2020, p.2).

Apesar da importância do princípio de que “Toda atividade física conta”, ao analisar a realidade das mulheres e outras minorias, estes apontamentos reforçam a necessidade de um olhar atento para as oportunidades que meninas e mulheres têm ao longo da vida de realizar

atividades físicas no lazer, como exercícios físicos, esportes, lutas, ginásticas, entre outras diversas manifestações da cultura corporal do movimento.

O número de meninas e mulheres que participaram do estudo foi de 2276 residentes de São Paulo/SP, com média de idade de 50,85 anos (mínimo 15 – máximo 91). Evidenciamos que 85,6% das participantes (1949) não realizam pelo menos 150 min por semana de atividades físicas no lazer.

A Tabela 1 demonstra que a renda mensal ($p < 0,001$; $\rho = 0,112$) está associada ao envolvimento em AFL. Assim, quanto maior renda individual e familiar, maior é o cumprimento da recomendação da OMS. Com relação à escolaridade, observou-se que mulheres com menor grau de escolaridade cumprem menos as recomendações da OMS ($p < 0,001$; $\rho = 0,070$). Nesta análise com o teste Qui-Quadrado (Tabela 2) não foram encontradas associações com os marcadores de raça ($p = 0,466$; $p = 0,959$), estado civil ($p = 0,497$) e a presença de filhos ($p = 0,636$).

Tabela 1 - Marcadores Sociais da Diferença e associação com o atendimento das recomendações para realização de atividades físicas no lazer das participantes do ISA – São Paulo/SP.

Marcadores Sociais da Diferença	% (n)	Atende as recomendações da OMS (n)		p
		Sim	Não	
Raça				0,466
branca	51,8 (1179)	180	999	
preta	10 (228)	33	195	
amarela	1,8 (42)	7	35	
parda	32,1 (731)	94	637	
indígena	3,4 (78)	11	67	
outras	3,0 (7)	1	6	
Filho(s)				
Tem filhos	65 (1479)	212	672	0,636
Não tem filhos	34,5 (785)	113	1267	
Estado civil				0,974
Sem companheiro/a	56,8 (1293)	176	1117	
Com companheiro/a	42,9 (977)	150	827	
Escolaridade				0,000*
menor/igual 4 anos	15,5 (352)	32	320	
5 a 9 anos	29,4 (669)	68	601	
10 a 12 anos	33,9 (772)	103	669	
>12 anos	20,7 (472)	124	348	
Renda per capita				0,000*
≤1SM	43,9 (999)	117	882	
>1SM e < 3SM	28,8 (656)	117	539	
>3SM	15,5 (136)	42	94	

Legenda: SM: Salário Mínimo. OMS: Organização Mundial de Saúde. *Teste Qui-Quadrado. O nível de significância adotado foi de $\alpha < 0,05$.

Fonte: Dados da pesquisa

No entanto, ao realizar a correlação de coeficiente de Spearman, o fato de ter filhos está associado a uma menor quantidade em minutos por semana de AFL ($p < 0,001$; $\rho = -0,175$). Bem como, ter um companheiro está associado a uma menor quantidade em minutos por semana de AFL ($p < 0,001$; $\rho = -0,087$). A idade está inversamente associada ($p < 0,001$) a prática de atividade física no lazer (AFL) (em minutos por semana). Assim, quanto maior a idade, menor a quantidade de AFL em minutos por semana ($\rho = -0,128$). A renda familiar e a individual estão diretamente associadas ($p < 0,001$) a AFL (em minutos por semana). Isto é, quanto maior a renda individual e/ou familiar, maior a quantidade de AFL em minutos por semana ($\rho = 0,126$). Esta análise não acusou associação entre a quantidade de minutos semanais de AFL e raça ($p = 0,366$). (Tabela 2)

Tabela 2: Correlação (Spearman) entre os minutos por semana destinados à atividades físicas no lazer e os marcadores sociais da diferença de meninas e mulheres participantes do ISA/SP.

Marcadores Sociais da Diferença	Correlações	
	AF no lazer (total de minutos por semana)	
	ρ	p
Filhos	0,116	0,000*
Idade	-0,128	0,000*
Renda individual	0,116	0,000*
Renda familiar	0,126	0,000*
Raça	0,356	0,336
Escolaridade	0,070	0,001*

Legenda: ρ : Spearman. *Spearman. O nível de significância adotado foi de $\alpha < 0,05$.

AF: atividade física

Fonte: Dados da pesquisa

DISCUSSÃO

Os dados encontrados nesta análise preliminar vão ao encontro com os resultados de outras pesquisas realizadas sobre acesso ao lazer no Brasil (SOUSA *et al.*, 2019; STOPPA, ISAYAMA, 2017; DEL DUCA *et al.*, 2105; FLORINDO *et al.*, 2009). Estes estudos apontam as mulheres como menos ativas no lazer e, algumas das justificativas são de caráter social e/ou ambiental, relacionado às responsabilidades familiares, as questões de trabalho e ainda, os aspectos culturais e sociais que ainda demarcam o envolvimento em atividades físicas para as mulheres. No entanto, é importante mencionar que são poucos os estudos que se debruçam na

discussão sobre o lazer não apenas como um “domínio” da atividade física, tampouco, sobre a especificadas das mulheres neste contexto.

Os estudos, em sua maioria comprovam uma diferença entre mulheres e homens no que tange às experiências no lazer (PNUD, 2017). No entanto, quando em pesquisas a categoria “mulher” é tratada como um ser único/imutável e singular, pressupõe-se que há uma única forma de expressão do ser mulher, e que todas são enquadradas como uma única categoria de identidade (BUTLER, 2019). Será que se uma pessoa é mulher, significa que isso seja tudo que essa pessoa é? Além disso, ao situar todas as mulheres unidas em virtude somente da opressão que sofrem, desconsideramos as taxonomias que garantem o poder simbólico, cultural e estrutural de algumas mulheres – sobre outras mulheres. Por exemplo – como se mulheres brancas e mulheres negras, ou mulheres ricas e pobres, experienciassem de acessos, de opressões, de violências, em termos iguais.

Sobre acesso e envolvimento com as práticas de atividade físicas no lazer, no relatório “Movimento é vida” foi realizado um compilado dos dados dos levantamentos epidemiológicos para que seja possível visualizar melhor todo o material coletado - uniram dados do VIGITEL⁸ e da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios⁹ e, felizmente elaboraram um índice de iniquidade¹⁰. O que antes incidia de maneira despercebida – “as mulheres são mais fisicamente inativas que os homens” – agora, é mais do que possível apontar e estratificar quais “mulheres” (PNUD, 2017). Essa também foi a proposta deste estudo.

Para corroborar com a necessidade de se pensar nos marcadores sociais da diferença, podemos centrar a atenção nos seguintes dados: mulheres adultas brancas têm uma taxa de prática de AF muito próxima (ainda abaixo) ao do conjunto da população, enquanto a das mulheres adultas negras é 21% menor. Além desse resultado, os dados encontrados no ISA/SP do presente estudo, se comparam com os outros grupos de mulheres que estão abaixo da média da população do estudo nacional: mulheres com renda domiciliar per capita de 1 a 2 salários mínimos; mulheres entre 15 e 17, 18 e 24, 25 e 39, 40 e 59 e 60 anos ou mais; mulheres com renda domiciliar per capita sem rendimento, até 1/2 salário mínimo; mulheres sem instrução; mulheres com ensino fundamental completo. Isto é, as categorias “classe social”; “escolaridade” e “idade” se apresentam como uma condição vulnerabilizadora de acesso ao lazer.

⁸ Sistema de Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (BRASIL, 2020).

⁹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PnAD) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015).

¹⁰ As taxas de participação em atividades físicas foram convertidas em índices que revelam a proporção de praticantes de diferentes grupos sociais em comparação com o percentual da população como um todo, representada com o valor 100.

Esses dados coadunam com o que já fora mencionado pela professora Yara de Carvalho em seu livro “O mito da Atividade Física e Saúde” (2016): A atividade física, sendo um elemento que compõe a percepção do corpo, é produto da distribuição diferenciada entre classes sociais e, somado a isso, essa atividade física desenvolvida no tempo disponível - ou no tempo conquistado¹¹, reproduz as diferenças sociais (CARVALHO, 2016). Vale ressaltar, que neste estudo compreende-se a atividade física como comportamento inerentemente social, cognitivo e político e envolve pessoas se movendo, em contextos específicos, carregados de significados, como proposto por Piggin (2020).

Assim, ao analisar as atividades físicas realizadas no contexto do lazer reconhece-se a articulação e interdependência de questões que vão além da dimensão biológica do movimento. Embora grande parte da literatura científica acadêmica do campo da Educação Física¹² tenha estreitado laços com as ciências naturais e pesquisadores/as consideram o corpo como algo estanque e puramente físico (DAOLIO, 2015), não devemos desconsiderar que o corpo é base de papéis sociais, inclusões e exclusões. É político, relacional e baseando-se em uma cosmopercepção que fazemos vida (OYĒWÙMÍ, 2021). Isto é, se as mulheres pobres, com baixa escolaridade, com idades mais avançadas, que possuem mais filhos, são as que menos se envolvem com as atividades físicas (no lazer), é porque os corpos dessas mulheres ainda não são vistos como corpos importantes e/ou dignos de políticas que garantam o acesso ao lazer.

Nesse sentido, sobre acessos e direitos, é evidente que uma política pública focalize e destine espaços, estruturas e garanta direitos para grupos específicos. Um exemplo deste, foi um estudo recente que buscou analisar as legislações brasileiras mais relevantes sobre esporte e lazer. Os resultados são presumíveis: 1) existem poucas ações voltadas para a equidade de gênero no Brasil – em termos de políticas públicas de esporte e lazer, 2) a palavra “mulher” surge com baixa frequência e é utilizada de maneira generalista e 3) quando há referência à “mulher”, ela é intimamente ligada ao contexto de maternidade, no sentido de que as mulheres só se tornam visíveis em políticas sociais desde que essas mulheres exerçam uma função reprodutiva (MOURA *et al.*, 2020). Não há menção sobre “qual mulher” se trata nessas legislações, o que pode implicar na ausência de políticas públicas voltadas ao esporte para as “outras” mulheres – indo ao encontro do que menciona Lélia Gonzales (2020): quando categorizamos apenas “mulher”, expõe-se um

¹¹ Tempo conquistado é um termo criado por Bramante (1998), frente as pressões de sempre se dar uma finalidade ao ‘tempo’ na sociedade capitalista, a qual visa instrumentalizar o tempo e o transformar em mercadoria. É dentro desse tempo conquistado em que se realizam as atividades no contexto do lazer, como exemplo, as atividades físicas supracitadas no relatório.

¹² Especificamos a área da Educação Física pois esta pode ser considerada uma das principais responsáveis pela promoção e produção de temas que se referem às práticas corporais e à cultura corporal do movimento.

caráter formalista da nossa sociedade, justamente por não permitir questionar as hierarquias que garantem a superioridade das pessoas brancas como grupo dominante, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade das meninas e mulheres da cidade de São Paulo-SP foi investigada de maneira transversal neste estudo. Os dados preliminares analisados reforçaram as desigualdades existentes no acesso e prática deste grupo minoritário na realização de atividades físicas no lazer, evidenciando um baixo envolvimento como um todo nestas atividades. Mulheres mais jovens, sem filhos, solteiras, com maiores rendas e com mais anos de estudo apresentam maiores chances de se envolverem em atividades físicas no lazer, destacando assim, a necessidade da utilização de uma abordagem interseccional na compreensão destas variáveis.

É necessário que as barreiras visíveis e invisíveis vivenciadas pelas mulheres pobres, com baixa escolaridade, periféricas, pretas, lésbicas, trans, indígenas, com deficiência sejam consideradas na elaboração das políticas públicas intersectoriais de esporte, lazer e saúde. Como destacado no Relatório Movimento é Vida (PNUD, 2017), são necessárias ações afirmativas que busquem eliminar desigualdades de partida que demarcam o dia a dia das mulheres, em todos os setores da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer, concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, <https://doi.org/10.35699/1981-3171.1998.1552>, 1998.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CARVALHO, Yara Maria de. **O “mito” da atividade física e saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *In: University of Chicago Legal Forum*, 8, 1989. Available at: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>
- COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality as critical social theory**. Durham: Duke University, 2019.
- DAOLIO, Jocimar. Educação Física e pesquisa sociocultural. *In: STIGGER, Marco Paulo (Ed.)*.

Educação Física + Humanas. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 246.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL DUCA, Giovâni Firpo; NAHAS, Markus Vinicius; GARCIA, Leandro Martin Totaro; PERES, Marco Aurélio. Como gênero e escolaridade interagem nos padrões de inatividade física em diferentes domínios em adultos? **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 653-661, 2015.

FLORINDO, Alex Antonio et al. Epidemiology of leisure, transportation, occupational, and household physical activity: prevalence and associated factors. **J Phys Act Health**, v.6, p.625-32, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Práticas de esporte e atividade física, 2015., - Rio de Janeiro: Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2017.80p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MOURA, Giovanna Xavier de *et al.* The invisibility of women in legislations and National Conferences of sport and leisure in Brazil. **Journal of Gender Studies**, v. 29, n. 7, p. 779–790, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1770060>

OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2021.

PIGGIN, Joe. What is physical activity? A holistic definition for teachers, researchers and policy makers. **Frontiers in Sports and Active Living**, v. 2, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7739796/#:~:text=Physical%20activity%20involve%20people%20moving,%2C%20ideas%2C%20instructions%20and%20relationships>.

PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas**: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2017. Disponível em: http://www.each.usp.br/gepaf/wp-content/uploads/2017/10/PNUD_RNDH_completo.pdf. Acesso em: 20set 2022.

SOUSA, Neuciani Ferreira da Silva et al. Active aging: prevalence and gender and age differences in a population-based study. **Caderno de Saúde Pública**. v.35, n.2, DOI: [10.1590/0102-311X00173317](https://doi.org/10.1590/0102-311X00173317), 2019.

STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. (org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

Contribuições dos autores

A autora G. H. T. elaborou o artigo como um todo; I. P. T. e A. F. contribuíram com as análises estatística; R. R. U. atuou como supervisor do projeto, auxiliou na idealização do estudo e na revisão do texto final.

Submissão: 30/03/2022
Aceite: 29/04/2022